

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO - FAED
GEOGRAFIA LICENCIATURA

LUÍSA FERREIRA VIEIRA

OS CONHECIMENTOS GEOGRÁFICOS E O ENSINO DE GEOGRAFIA EM
CURSOS PRÉ-VESTIBULAR POPULAR: REVISÃO DE LITERATURA EM
PERIÓDICOS

FLORIANÓPOLIS

2023

LUÍSA FERREIRA VIEIRA

**OS CONHECIMENTOS GEOGRÁFICOS E O ENSINO DE GEOGRAFIA EM
CURSOS DE PRÉ-VESTIBULAR POPULAR: REVISÃO DE LITERATURA EM
PERIÓDICOS**

Trabalho de conclusão apresentado ao curso de Geografia do Centro de Ciências Humanas e da Educação (FAED), da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Rosa Elisabete Militz W. Martins.

FLORIANÓPOLIS

2023

AGRADECIMENTOS

Primeiro, gostaria de agradecer a Deus e a todos que, de alguma forma, participaram da minha trajetória acadêmica. A caminhada não foi fácil, mas com a ajuda e incentivo de todos, estou encerrando um ciclo cheio de desafios, mas muito grata por todo conhecimento adquirido durante este processo.

Agradeço a minha família que me deu apoio e suporte durante todos os anos de graduação, para que eu pudesse, principalmente, me dedicar integralmente à universidade. Agradeço ao meu falecido bisavô, José Sobrinho, por sempre me apoiar e demonstrar preocupação com meu futuro como professora, seus conselhos estão guardados para sempre comigo. Também deixo um agradecimento a minha bisavó, Edésia, que me acompanhou até aqui.

Um obrigada especial a minha mãe, Aline, e seu esposo, Manoel, aos meus avós, Waldemar e Raquel, e ao meu pai, Richard, e sua esposa, Fernanda, que sempre lutaram para que eu tivesse uma boa educação e me deram todo suporte necessário durante a graduação. E se eu estou aqui hoje, é por causa deles.

Larissa, Lucas e Bernardo, meus irmãos, Pedro e Helena, meus primos, espero que este trabalho lhes inspire futuramente, não desistam dos seus sonhos e, principalmente, dos estudos.

Estevan, meu namorado, você tem um lugar especial nessa trajetória. Me apoiou, me escutou e permaneceu do meu lado durante toda a graduação. Obrigada por sempre me incentivar e me mostrar que eu era capaz.

Também agradeço a Universidade do Estado de Santa Catarina por disponibilizar uma graduação pública e de qualidade. Todos os meus professores foram excelentes e me inspiraram de diferentes maneiras.

Professora Suelen, se hoje estou finalizando a minha graduação, é por conta do seu apoio nessa reta final. Por motivos maiores, você não pôde me orientar, mas isso não lhe impediu de me auxiliar e me ensinar durante este processo, sua ajuda fez a diferença. Você é uma inspiração para mim, fica aqui o meu agradecimento e reconhecimento.

Professora Rosa, obrigada por aceitar ser minha orientadora e ser uma excelente educadora, você é um exemplo como profissional.

Por fim, agradeço, mais uma vez, a todos que acreditaram no meu potencial e me deram suporte para estar aqui, vocês tornaram essa caminhada mais leve.

“Me movo como educador, porque, primeiro, me
movo como gente” (Paulo Freire, 1996)

RESUMO

A Geografia é um componente curricular que contribui para a formação cidadã dos estudantes, além de ampliar a sua visão de mundo por meio de diferentes reflexões acerca da realidade. Nesse sentido, este Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia Licenciatura da Universidade do Estado de Santa Catarina tem como objetivo analisar como os conhecimentos geográficos e o ensino de Geografia são desenvolvidos em cursos pré-vestibular populares, a partir de relatos de práticas e artigos publicados em periódicos acadêmicos. Para isso, o levantamento dos artigos foi feito no Google Scholar, tendo como critério de seleção: ser publicado em uma revista acadêmica, possuir relação direta com cursos pré-vestibular populares e contemplar o ensino de Geografia. Dessa forma, a metodologia utilizada nesta pesquisa é a revisão de literatura. Os cursos pré-vestibular populares são fruto de um movimento que luta pela democratização do acesso ao ensino superior, tendo como público-alvo estudantes de baixa renda e egressos de escolas públicas. Nos cinco artigos selecionados e analisados, constatou-se que as aulas de Geografia nos cursos pré-vestibular populares contribuem de forma efetiva para a formação cidadã dos estudantes. Os autores enfatizaram a potencialidade do ensino desse componente curricular e afirmam que a Geografia é importante para a vida em sociedade, além de contribuir no combate às desigualdades sociais vivenciadas pelos estudantes, resultado de uma sociedade marcada pelos interesses hegemônicos da classe dominante. Neste contexto, a função social do ensino de Geografia nesses cursos não é somente o acesso de estudantes da classe trabalhadora no ensino superior, mas a potencialização da capacidade de transformação social.

Palavras-chave: Pré-vestibular popular; Geografia; Ensino de Geografia; Conhecimento geográfico.

ABSTRACT

Geography is a school subject that contributes to students' education and their development as citizens, as well as it helps to broaden their worldview through different reflections about reality. Thus, this work, a final requirement for a degree in Geography at the University of the State of Santa Catarina, aims to analyze how geographic knowledge and Geography teaching are developed in popular pre-vestibular courses, based on practices reports and articles published in academic journals. To this end, the survey of articles was conducted on Google Scholar, and the papers were chosen based on the following criteria: be published in an academic journal, have a direct relationship with popular pre-vestibular courses and address Geography teaching. Thus, the methodology chosen for this research is literature review. Popular pre-vestibular courses are the result of a movement that strives to democratize the access to higher education, targeting low-income students from public schools. In the five analyzed articles, it was possible to confirm that these contributions for the students' development as citizens are highly effective. The authors emphasized the potential of Geography teaching and stated that the subject is important for the students' life in society, as well as it helps fighting against the social inequalities experienced by them, which are the result of a society marked by the interests of the ruling classes. In this context, the social function of Geography teaching is not limited to improve the access of working-class students to higher education, but it also aims to enhance the capacity for social transformation.

Keywords: Popular pre-vestibular; Geography; Teaching of Geography; Geographic knowledge.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Concentração de estudantes no ensino médio.....	23
Gráfico 2 - Concentração de estudantes no ensino superior.....	23
Gráfico 3 - Periódicos que apresentaram a ciência geográfica.....	33
Gráfico 4 - O papel da Geografia nos pré-vestibulares populares.....	34

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Relação dos periódicos utilizados.	13
Quadro 2 - Numeração indicada para cada periódico da pesquisa.	26

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 O ENSINO DE GEOGRAFIA E SUA FUNÇÃO SOCIAL NA SOCIEDADE CAPITALISTA.....	15
3 CURSOS PRÉ-VESTIBULAR POPULARES: PARA QUE E PARA QUEM?	20
3.1 CURSOS PRÉ-VESTIBULARES NO BRASIL	20
3.2 A NECESSIDADE DE CURSOS PRÉ-VESTIBULAR POPULARES.....	22
4 A GEOGRAFIA EM CURSOS PRÉ-VESTIBULAR POPULAR: INVESTIGAÇÃO EM TRABALHOS PUBLICADOS EM PERIÓDICOS.....	26
4.1 OS ARTIGOS E A FINALIDADE DE CADA PESQUISA	27
4.2 OS CONHECIMENTOS GEOGRÁFICOS E O ENSINO DE GEOGRAFIA NOS ARTIGOS	28
4.2.1 A visão dos autores acerca da ciência geográfica	29
4.2.2 A Geografia nos cursos pré-vestibular popular.....	30
4.3 PRINCIPAIS RESULTADOS OBSERVADOS.....	32
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
6 REFERÊNCIAS	38

1 INTRODUÇÃO

Os cursos pré-vestibulares, popularmente conhecidos como cursinhos, se enquadram em um formato de ensino que visa preparar o estudante para provas do Exame Nacional do Ensino Médio - Enem e vestibulares tradicionais de forma estratégica, com o objetivo de potencializar seus estudos e aumentar suas chances de garantir a vaga na universidade. Os cursos preparatórios são costumeiramente encontrados e oferecidos pela iniciativa privada, em que o estudante, na maioria dos casos, precisa pagar uma mensalidade para ter acesso a este formato de ensino. Por isso, geralmente, são frequentados por estudantes que possuem condições financeiras de arcar com seus custos, fato que agrava a desigualdade educacional no acesso ao ensino superior.

De acordo com a Síntese dos Indicadores Sociais feita pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas) em 2018, o acesso ao ensino superior é maior entre os estudantes da rede privada. Em relação à dificuldade do acesso por estudantes que frequentam escolas públicas, “Dentre vários fatores, pode-se destacar a significativa repercussão no abandono dos estudos que incide no fato dos estudantes necessitarem conciliar estudo e trabalho” (MONTEIRO *ET AL.*, 2017, p. 64).

Associado à desigualdade no acesso ao ensino superior, surgiram ao longo dos anos, os denominados pré-vestibular populares ou sociais, que possuem como objetivo atender estudantes de escolas públicas, jovens e adultos que se encontram em condições de vulnerabilidade social, visando, em uma de suas frentes, possibilitar a estes sujeitos a entrada na universidade. A luta pela democratização do acesso ao ensino superior vem crescendo cada vez mais nas últimas décadas, e os pré-vestibulares populares compreendem parte deste movimento.

Na busca de encontrar mais informações sobre este formato de ensino e pensar sobre estas questões mencionadas, por indicação de uma professora, conheci o livro “Por uma Geografia Popular: trabalhadoras e trabalhadores em sala de aula no Projeto Integrar” de Kleicer Cardoso Rocha (2021), e a partir da preocupação do autor com o ensino de Geografia em um curso de pré-vestibular popular, cresceu em mim a vontade de pesquisar esta temática. O autor afirma e reconhece o papel da Geografia na formação de cidadãos mais conscientes do seu lugar na sociedade e busca relacionar a realidade dos estudantes com o ensino da disciplina, desenvolvendo uma preparação e uma formação para afora do vestibular.

Além da Geografia ser minha área de formação acadêmica, convivo com ela todos os dias em meu trabalho, em um curso pré-vestibular. E nesse contexto, surgiu a minha inquietação

e curiosidade acerca do ensino de Geografia em cursos pré-vestibular, em especial os populares. Como os conhecimentos geográficos e o ensino de Geografia são trabalhados em cursos pré-vestibular populares? A problemática desta pesquisa se dá a partir dessa questão, tendo como base relatos de práticas e artigos contemplados em periódicos acadêmicos.

A Geografia é um componente curricular que fomenta ao estudante aprendizados que extrapolam o ambiente escolar, contribuindo para a formação cidadã, como um sujeito crítico e pensante, que sabe dos seus direitos e deveres. E para o estudante desenvolver tais habilidades, os conhecimentos geográficos e o ensino de Geografia precisam ser pensados com esta finalidade. Nos cursos pré-vestibular privados, o estudante é preparado para dominar os conteúdos de Geografia cobrados nas provas de Enem e vestibulares tradicionais. Já os cursinhos populares trazem reflexões que vão além desse objetivo, contribuindo para aproximar os conhecimentos e o pensamento geográfico à vida do estudante e servir à sociedade.

Meu objetivo geral com este trabalho é analisar como os conhecimentos geográficos e o ensino de Geografia são desenvolvidos em cursos pré-vestibular populares em relatos de práticas e artigos publicados em periódicos acadêmicos. Já os objetivos específicos podem ser elencados da seguinte forma:

1. Problematizar a função social do ensino de Geografia na sociedade capitalista;
2. Conhecer os principais objetivos de cursos pré-vestibular populares e entender como o ensino de Geografia pode contribuir para alcançá-los;
3. Compreender de que forma os conhecimentos geográficos e o ensino de Geografia são desenvolvidos em cursos pré-vestibular populares de acordo com relatos de práticas e artigos publicados em periódicos acadêmicos.

A importância deste trabalho está relacionada aos inúmeros problemas derivados da desigualdade social em nossa sociedade. A desigualdade educacional, tanto no acesso quanto na permanência nas diferentes etapas da escolarização, necessita de visibilidade e estranhamento, pois acredito que não pode ser visto com naturalidade o fato de que a universidade pública é para uma pequena parcela da sociedade, que, em geral, se formou na educação básica privada. De acordo com Censo Escolar realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2017, a rede pública de ensino concentrava cerca de 87% dos estudantes do ensino médio, e, em contrapartida, no ensino superior, 25,8% eram estudantes que completaram o ensino médio na rede pública, enquanto 74,2% eram provenientes da rede privada.

Ademais, o grande potencial que a disciplina de Geografia pode ter na formação dos estudantes, principalmente para aqueles que se encontram mais vulneráveis em nossa

sociedade, é outro aspecto a ser destacado na relevância desta pesquisa, pois acredito em uma Geografia capaz de transformar a perspectiva crítica dos estudantes, oportunizando a estes diferentes caminhos que viabilizam a luta por melhorias na vida em sociedade.

Para alcançar os objetivos desta pesquisa, a metodologia utilizada possui uma abordagem qualitativa, e caracteriza-se, especificamente, como uma pesquisa bibliográfica a partir do levantamento de relatos de prática e artigos publicados em periódicos acadêmicos. Os autores Lima e Mioto (2007, p. 44) no artigo denominado "Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica" ressaltam a importância da pesquisa bibliográfica e destacam que se trata de

"[...] um procedimento metodológico importante na produção do conhecimento científico capaz de gerar, especialmente em temas pouco explorados, a postulação de hipóteses ou interpretações que servirão de ponto de partida para outras pesquisas."

Dessa forma, espera-se que esta pesquisa possa contribuir com os estudos que envolvem a sua temática central, a disciplina de Geografia e os cursos pré-vestibular populares.

Inicialmente, a análise seria feita com base nos anais publicados em diferentes edições do Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia (ENPEG), porém, a partir de uma busca minuciosa em *sites* oficiais do evento, das 14 edições que ocorreram do ENPEG desde 1985, foi possível ter acesso completo somente a trabalhos da 13^o e 14^o edição, e destes, não havia nenhum que fizesse menção ao tema desta pesquisa, o que inviabilizou a realização da mesma. Em vista disto, foi feita uma nova estratégia de pesquisa: fazer um levantamento bibliográfico em artigos publicados em revistas específicas de práticas no ensino de Geografia, como a Revista Brasileira de Educação em Geografia, a Revista Geografia Ensino & Pesquisa, a Revista GEOGRAFIA e a Revista Geografares. No entanto, também não foram encontrados artigos suficientes para compor o objeto de investigação desta pesquisa bibliográfica.

Deste modo, em decorrência do baixo índice de artigos publicados nas revistas elencadas acima, se fez necessário ampliar a busca por trabalhos. Por isso, o levantamento bibliográfico precisou ser feito em um *site* que contempla trabalhos acadêmicos publicados em diferentes meios, a ferramenta de pesquisa utilizada em questão, é chamada de *Google Scholar* (<https://scholar.google.com.br/>). Vale ressaltar que o critério de escolha para os trabalhos selecionados para esta pesquisa foi: ser publicado em uma revista acadêmica, estar relacionado diretamente com cursos pré-vestibular populares e contemplar o ensino de Geografia. Com isso, foi possível chegar a um número de cinco textos publicados em periódicos para a realização desta pesquisa (Quadro 1).

Quadro 1- Relação dos periódicos utilizados.

Artigo	Autores e Ano de Publicação	Revista
PRÉ-VESTIBULAR INSTITUCIONAL, CIDADANIA E O ENSINO DE GEOGRAFIA: ANÁLISE DO MATERIAL DIDÁTICO DO PROGRAMA UNIVERSIDADE PARA TODOS NA BAHIA	Kayobi de Azevedo Vargas, 2012.	Caminhos de Geografia.
ENSINO DE GEOGRAFIA E DIÁLOGO: o caso do projeto de educação comunitária integrar	Suelen Santos Mauricio e Rosa Elisabete Militz Wypczynski Martins, 2017.	Revista Brasileira de Educação em Geografia.
PRÉ-VESTIBULARES POPULARES: CURRÍCULO E ENSINO DE GEOGRAFIA EM DISPUTA	André Tinoco de Vasconcelos, 2018.	ParaOnde!?
GLOBO TERRESTRE E GEOTECNOLOGIAS COMO RECURSOS DIDÁTICOS PARA ENSINO DE CARTOGRAFIA - ESTUDO DE CASO EM CURSO PRÉ-VESTIBULAR EM FLORIANÓPOLIS/SC	Rodrigo Sartori Bogo, Maicon Rafael Caxueira e Rosemy da Silva Nascimento, 2020.	Pesquisar.
CONTRIBUIÇÕES DO PRÉ VESTIBULAR COMO TERRITÓRIO ALTERNATIVO DE CIDADANIA	Adriano R. De S. De La Fuente e Adriany de Ávila Melo Sampaio, 2021.	Revista Ciranda.

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Cabe destacar, a dificuldade em encontrar artigos acadêmicos que envolvem o ensino de Geografia em cursos pré-vestibular populares, pois, mesmo com a busca ampliada, ainda sim, foi possível selecionar poucos artigos para compor a revisão de literatura desta pesquisa.

De 2012 a 2023, um período que compreende onze anos, foram publicados em periódicos acadêmicos apenas cinco artigos relacionados à temática central da pesquisa.

2 O ENSINO DE GEOGRAFIA E SUA FUNÇÃO SOCIAL NA SOCIEDADE CAPITALISTA

O primeiro capítulo desta pesquisa irá abordar a importância do ensino de Geografia e o contexto em que ele se desenvolve na atual sociedade capitalista, destacando, principalmente, a sua função social além do ambiente escolar. Este capítulo foi estruturado a partir da visão de diferentes autores da área de Geografia.

A Geografia e o seu objeto de estudo levaram séculos até serem postulados e reconhecidos como uma ciência. Com o ensino de Geografia não foi diferente. A disciplina e a sua função social, principalmente na contemporaneidade, foram e continuam sendo muito discutidas e abordadas em diferentes narrativas, isto porque a Geografia estuda o espaço geográfico, aquele que está em constante transformação e que, segundo Braga (2007), é um resultado contínuo das relações socioespaciais (econômica, política, cultural, etc). Assim como o espaço geográfico, o ensino de Geografia é pensado e disputado por diferentes interesses, muitas vezes contraditórios.

Para Porfirio e Santos (2014, p. 1) "O ensino de geografia tem por objetivo desenvolver o raciocínio crítico, para que os alunos tenham a possibilidade de perceber, de forma coerente e real o mundo à sua volta. [...]". Ou seja, para os autores, o ensino de Geografia busca possibilitar aos estudantes a compreensão da realidade do mundo contemporâneo.

De acordo com Callai (2010), a educação geográfica possui como finalidade a contribuição na construção de um pensamento geográfico, aquele capaz de desenvolver diferentes formas de pensar que se relacionam com a dimensão espacial. Ainda segundo o documento acerca dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de 1998, a disciplina de Geografia dispõe

[...] instrumentos essenciais para a compreensão e intervenção na realidade social. Por meio delas compreender como diferentes sociedades interagem com a natureza na construção de seu espaço, as singularidades do lugar em que vivemos, o que o diferencia e o aproxima de outros lugares e, assim, adquirir uma consciência maior dos vínculos afetivos e de identidade que estabelecemos com ele. Também podemos conhecer as múltiplas relações de um lugar com outros lugares, distantes no tempo e no espaço e perceber as relações do passado com o presente. (1998, p. 15).

De fato, o ensino de Geografia pode ser pensado e estruturado de diferentes formas, mas um ponto em comum retratado entre os autores e o documento citados, é a relação direta com o meio em que o estudante está inserido, tornando este um dos seus principais pilares enquanto disciplina curricular da educação básica.

De acordo com Deon e Callai (2018), a educação escolar em conjunto com o ensino de Geografia são capazes de contribuir para a formação cidadã. No entanto, as autoras destacam que existem percalços neste processo de educar para uma emancipação humana e social, principalmente porque estamos inseridos em um mundo globalizado, onde "[...] os interesses globais se sobrepõem aos direitos dos cidadãos. [...]" (p. 266).

Globalização é um conceito que, apesar de ter sido estudado por intelectuais no século XIX, se consolidou somente entre as décadas de 1960 e 1970 (HELD; MCGREW, 2000). Trata-se de um processo ligado à modernidade e ao mundo capitalista, pois consiste na integração mundial em diferentes escalas, principalmente naquelas que compõem as esferas econômicas, sociais e culturais, onde os limites territoriais não são mais vistos como um obstáculo e as singularidades de cada nação passam a ser cada vez mais raras em vista daquelas que possuem maior hegemonia neste processo.

Para Milton Santos (1996), a globalização é reflexo do mundo capitalista e propiciou o advento do meio técnico-científico-informacional, quando a ciência, a tecnologia e a informação passaram a integrar o espaço geográfico. No entanto, o geógrafo, em suas diversas obras, afirma que o espaço mundial não é globalizado como um todo e este processo possui seu lado perverso, principalmente porque contribui para o aumento da desigualdade entre os países do Norte e do Sul, favorecendo o acúmulo de capitais entre países que já são ricos (países do norte do globo). Segundo Bauman (1999), a mesma globalização que une, é aquela que também divide, pois, este processo também é responsável pela progressiva separação e exclusão espacial dos indivíduos na sociedade.

Por esse motivo, alguns autores da área da educação e do ensino de Geografia, como Helena Copetti Callai e Alana Rigon Deon, destacam que este processo pode influenciar também no modo de ensinar, para as autoras

O atual processo de globalização tem trazido inúmeros paradoxos à sociedade atual. Entre eles destacam-se o grande avanço das ciências, das tecnologias e informações. Por outro lado, aborda o aumento das dificuldades no enfrentamento das diferenças e desigualdades sociais, políticas, econômicas e culturais que estes avanços acabam por criar. Esses paradoxos têm implicações na educação escolar, que possui a responsabilidade de formar cidadãos para a vivência em um mundo mais justo, digno e igualitário. (DEON; CALLAI, 2018, p. 266).

A educação escolar é, de fato, influenciada pelo cenário em que se encontra a sociedade e os seus reflexos são visíveis. Por exemplo, a sociedade capitalista possui, de forma geral, duas classes sociais antagônicas e a educação também é marcada pelos interesses antagônicos destas classes. A Geografia, e, sobretudo, o ensino de Geografia, carregam esta contradição.

O espaço geográfico pode ser palco de reprodução das relações sociais hegemônicas, onde os sujeitos adaptam-se aos papéis de trabalhadores de forma pacífica e obediente. Lacoste (1988) retrata essa realidade como a “Geografia dos Estados-maiores”. Para o geógrafo, o conhecimento geográfico é monopolizado pelos Estados e utilizado como ferramenta de poder por uma pequena parcela da sociedade. No entanto, em contrapartida, o espaço geográfico também pode servir como espaço de luta pela transformação desta realidade. Onde os sujeitos criam consciência social, coletiva e política, entendem-se como cidadãos e compreendem de forma crítica seu lugar na sociedade capitalista. Contudo, para ocorrer essa transformação, é necessário que estes sujeitos conheçam a realidade em que estão inseridos e a vivenciem com inquietação. Nesse sentido, a escola e o ensino de Geografia se tornam um importante instrumento de conhecimento e informação.

O papel da educação geográfica na sociedade capitalista perpassa os limites do ambiente escolar, pois desde a organização do currículo escolar até a proposta de ensino elaborada pelo professor, o cenário em que se encontra a sociedade tem seu poder de influência.

Libâneo (2013) afirma que a função social da escola é tornar acessível o conhecimento historicamente e socialmente elaborado, permitindo que todos os sujeitos, independente de seus contextos, possam compreender o mundo, a sociedade e a natureza. Além disso, a educação escolar também tem como função a socialização de diferentes pessoas, a formação ética e o desenvolvimento de valores de solidariedade, empatia, coletividade e autonomia.

Nesta esteira, é possível pensar sobre a função social do ensino de Geografia, considerando a sociedade de classes em sua estrutura desigual e excludente, haja vista a importância dos conhecimentos geográficos para a vida em sociedade, Carvalho (2017, p. 62) afirma que “Nas relações em sociedade todos necessitam cumprir uma função social pensando a sociedade como um conjunto de relações que pensa e atua em prol do coletivo.”. E como o ensino de Geografia pode ser capaz de desempenhar um importante papel no que se refere à função social?

Primeiro, para compreender este papel, é preciso fazer um contexto geral e histórico da educação geográfica. O ensino de Geografia como um todo, compreende inúmeros e distintos, por vezes interligados, conceitos, conteúdos e concepções, que podem ter uma abordagem física, humana e até mesmo crítica sobre o meio. Nesta pesquisa, cabe destacar a educação geográfica em sua abordagem crítica e reflexiva em relação ao espaço.

O ensino de Geografia nas escolas, muitas vezes, é configurado semelhante a Geografia Tradicional, àquela baseada em uma suposta neutralidade, com um método de sistematização, descrição e memorização dos fatores do espaço geográfico. Método diversas vezes criticado

por Lacoste (1988), que defendia o ensino de Geografia a partir de uma abordagem crítica e política, buscando sempre relacionar os acontecimentos em escala local, regional e global.

Na história do pensamento geográfico, a Geografia Crítica começou a ser discutida após a Segunda Guerra Mundial, no contexto da Guerra Fria e com o advento da globalização, quando o espaço geográfico foi transformado e surgiu a necessidade de pensar mais do que *onde* e *quando* e sim, *porquê* e *como*, a fim de buscar novas percepções, propostas e respostas sobre a realidade.

Na obra de Lacoste intitulada “A Geografia – Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra”, publicada em 1976, o geógrafo trata diversas vezes sobre o desenvolvimento do “raciocínio geográfico”, principalmente em âmbito escolar. Este raciocínio seria necessário para compreender os processos geográficos que ocorrem na sociedade. Tornando esta uma concepção indispensável para compreender a relação entre o ensino de Geografia e a sua função social.

Para Rocco e Nogueira (2019, p. 49),

[...] A ciência geográfica traz em seu arcabouço teórico informações e evidências que são necessárias para que se possa compreender a forma como os fatores econômicos, sociais, políticos e culturais influenciam a dinâmica e a constituição dos grupos marginalizados, das diferenças sociais, das relações de preconceito e xenofobia, da mesma forma como pode trazer os indicativos necessários para combater essas situações de desvantagem em que muitos se encontram. [...]

Nesse sentido, o ensino de Geografia é capaz de fomentar aos estudantes uma visão de mundo acerca da realidade e das relações sociais, fatores que não são homogêneos dentro de uma mesma sociedade. Isso porque determinados indivíduos e/ou grupos sociais, geralmente aqueles que se encontram mais vulneráveis em nossa sociedade, sofrem com diversas formas de exclusão, opressão e discriminação.

Um exemplo disto é a fragmentação social encontrada nos espaços urbanos. Em uma mesma cidade, é possível se deparar com grupos sociais, em sua maioria aqueles que possuem boas condições financeiras, que vivem em espaços seguros, com acesso à saneamento básico e energia, infraestruturas de lazer, escolas e hospitais, entre outros recursos que garantem uma melhor qualidade de vida. E, em contrapartida, também é possível encontrar grupos sociais que vivem em ambientes precários e que não possuem acesso a esses recursos. Apesar destes grupos serem conhecidos como minorias, eles são a maioria na sociedade. E, apesar das disparidades elencadas, é dever do poder público garantir a todos cidadãos o acesso aos recursos citados.

Dentre os recursos que, por vezes, não são acessados por todos dentro de uma sociedade, cabe destacar o que se refere à educação. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de

Domicílios Contínua (PNAD) realizada em 2019, a taxa de escolarização¹ entre jovens de 15 a 17 anos foi de 89,2%, já entre pessoas de 18 a 24 anos, a taxa correspondia a 32,4%, valores inferiores ao esperado. O acesso ao ensino e a evasão escolar ainda são um desafio para a sociedade brasileira. Sendo a educação um importante pilar para combater a desigualdade social.

E, a partir do momento em que o estudante, nas aulas de Geografia, desenvolve o conhecimento acerca da realidade à sua volta, é possível trilhar caminhos para transformá-la. Para Rocha (2021, p. 70), a ciência geográfica “[...] contribui para a ampliação da visão de mundo dos estudantes.”. E, Kaercher (1999), em seu livro intitulado “Desafios e Utopias no Ensino de Geografia”, destacou que o ensino de Geografia pode romper com a visão estática da realidade e mostrar aos estudantes que são eles, os sujeitos que constroem o espaço que habitam.

Neste contexto, o professor e a ciência geográfica se tornam um importante instrumento para desenvolver, ampliar e fortalecer a visão crítica de cada estudante acerca da vida em sociedade e do seu papel como cidadão. Contudo, é necessário que as escolas e os professores, em especial os de Geografia, repensem as práticas curriculares tradicionais enraizadas e proponham estratégias de ensino que permeiem aos estudantes uma perspectiva reflexiva e questionadora acerca do espaço geográfico.

¹ Refere-se a razão entre o número total de matrículas de determinado grupo etário e o total da população correspondente à faixa etária prevista para a etapa de ensino.

3 CURSOS PRÉ-VESTIBULAR POPULARES: PARA QUE E PARA QUEM?

Os cursos pré-vestibular populares são fruto de um movimento histórico que surgiu depois da metade do século XX, com o objetivo de democratizar o acesso ao ensino superior, em especial o público, onde o ingresso é feito a partir de um processo seletivo meritocrático. E, para entender como esse movimento iniciou e como está atualmente, é preciso fazer um apanhado histórico dos pré-vestibulares no Brasil. Em vista disso, este capítulo foi construído e estruturado com tal finalidade.

O subtítulo 3.1 é composto por uma síntese acerca do surgimento dos vestibulares e pré-vestibulares no Brasil. Já no subtítulo seguinte, e último deste capítulo, é destacada a necessidade e importância dos pré-vestibulares populares.

3.1 CURSOS PRÉ-VESTIBULARES NO BRASIL

A história dos cursos pré-vestibulares, os famosos cursinhos, no Brasil está ligada diretamente com a história dos vestibulares (WHITAKER, 2010). Os processos seletivos para o acesso ao ensino superior foram iniciados em 1911, e eram baseados em exames de admissão de acordo com o curso escolhido. Cabe ressaltar que foi somente em 1915, que estes processos ficaram conhecidos como vestibulares e passaram por inúmeras transformações desde a sua instituição. Inicialmente, tratava-se de um processo seletivo extremamente elitizado, pois só ingressava na universidade e participava destes processos, quem havia estudado em colégios categorizados como “tradicionais”, geralmente aqueles frequentados por elites da época (SACONI, 2013).

No decorrer dos anos, mais especificamente em dezembro de 1961, quando foi instituída a Lei Nacional 4.024, que fixou as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, os requisitos para participar dos vestibulares começaram a mudar. A Lei N° 4.024, em seu artigo 69, estabeleceu que todos os candidatos que haviam concluído o ciclo colegial ou equivalente, independente da instituição, estavam habilitados para a inscrição em cursos de graduação. E foi, a partir deste momento, que a demanda por vagas em instituições de ensino superior aumentou, o que tornou a oferta de vagas e o número de concorrentes desproporcional, pois o número de inscritos nos vestibulares era excedente em comparação com a disponibilidade de vagas (GUIMARÃES, 1984).

Dessa forma, em vista da seletividade do processo e da necessidade de desenvolver um conhecimento mais específico, os cursos pré-vestibulares surgiram e se tornaram um fenômeno

na década de 1960. De acordo com a pesquisa de Guimarães (1984), intitulada “Como se faz a indústria do vestibular”, este surgimento está ligado com a ideia de que os candidatos precisavam se preparar para as disciplinas básicas do curso que seria seguido. A partir disso, foram surgindo cursos preparatórios para vestibulares de Direito, Medicina e Filosofia. E com o passar do tempo, em especial, nas décadas entre 1970 e 1980, os vestibulares foram se reestruturando, até se tornarem unificados, ou seja, não havia mais provas específicas para um determinado curso, agora um mesmo processo seletivo agrupava diferentes cursos (WHITAKER, 2010).

Para Whitaker (2010, p. 293), com as mudanças que ocorriam a todo momento nas estruturas dos vestibulares,

Fazer o cursinho preparatório tornava-se cada vez mais premente, não só para o treinamento nos diferentes “macetes” e conteúdos requeridos por tanta variedade de vestibulares, como também, e principalmente, para receber orientação sobre essas mudanças, os obstáculos, os entraves, e os novos cursos implantados na expansão cada vez maior do sistema.

Ainda, segundo a autora, os cursos pré-vestibulares se formaram a partir de um “duplo” movimento. De um lado, eram baseados em estratégias das elites para garantir a vaga, em especial dos seus filhos, na universidade, e por outro lado, se tratava de nichos que visavam a efetivação de capitais e a obtenção de lucros (WHITAKER, 2010).

Atualmente, assim como no passado, os cursos pré-vestibulares permanecem sendo uma modalidade de ensino não obrigatória no Brasil. E continuam crescendo a cada ano, tanto na modalidade presencial, como semipresencial e até mesmo à distância. Hoje, a principal demanda é preparar o estudante para a realização de provas de vestibulares tradicionais e/ou para o Enem².

De modo geral, os cursos pré-vestibulares visam potencializar o conhecimento dos estudantes e, até mesmo, sintetizar três anos de ensino médio em poucos meses de estudos, isso tudo a fim de garantir o ingresso no ensino superior. Além disso, os cursinhos possuem material didático e estratégias de ensino próprias que facilitam essa preparação. Contudo, vale enfatizar que, muitas destas estratégias, são baseadas em métodos de memorização e repetição de conteúdos e fórmulas.

² O Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), criado em 1988 pelo Ministério da Educação (MEC), tem como objetivo avaliar o desempenho do estudante após finalizar a educação básica. Além disso, o Enem também pode ser um critério de seleção para o ingresso em universidades, sejam elas públicas ou privadas, por meio do Sistema de Seleção Unificada - Sisu ou do Programa Universidade para Todos - ProUni (Ministério da Educação, 2018).

3.2 A NECESSIDADE DE CURSOS PRÉ-VESTIBULAR POPULARES

Os cursos pré-vestibular populares (PVPs) se enquadram em um movimento que visa a democratização do acesso ao ensino superior, ou seja, a igualdade no ingresso à universidade. Com o crescimento dos cursos pré-vestibular privados, além de outros fatores, a concorrência no processo de seleção para ingresso em universidades se tornou desigual. Ou melhor, a disputa se tornou injusta.

De acordo com a Síntese de Indicadores Sociais (SIS) realizada pelo IBGE (2018, p. 93),

Historicamente, o acesso ao ensino superior esteve limitado pela enorme seletividade de seus estudantes, fruto, entre outros motivos, tanto dos custos financeiros demandados pela rede privada quanto da elevada concorrência dos exames de ingresso à rede pública. Apesar do avanço observado no aumento da população com ensino superior completo, esse nível permanece restrito a 15,3% da população brasileira de 25 anos de idade ou mais.

São visíveis as disparidades entre os estudantes que conseguem ingressar no ensino superior e os que não conseguem, e a principal diferença está no que tange as classes sociais desses estudantes. Um dado interessante é o que se refere a concentração de estudantes no ensino médio e no ensino superior.

Em 2017, a rede pública de ensino concentrava cerca de 87% dos estudantes do ensino médio, porém, no ensino superior, 25,8% eram estudantes que completaram o ensino médio na rede pública, enquanto 74,2% eram provenientes da rede privada (IBGE, 2018). Conforme porcentagens ilustradas nos gráficos abaixo.

Gráfico 1 - Concentração de estudantes no ensino médio.

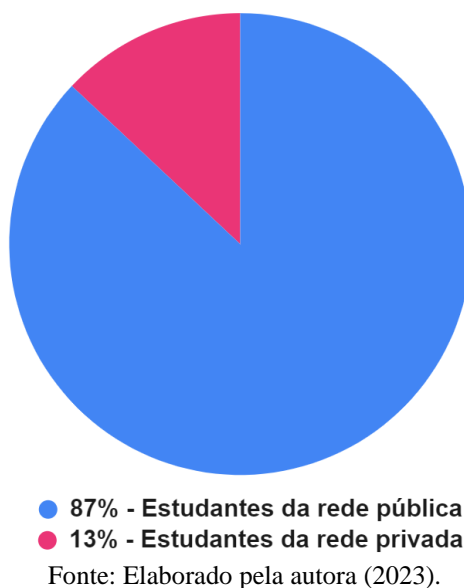
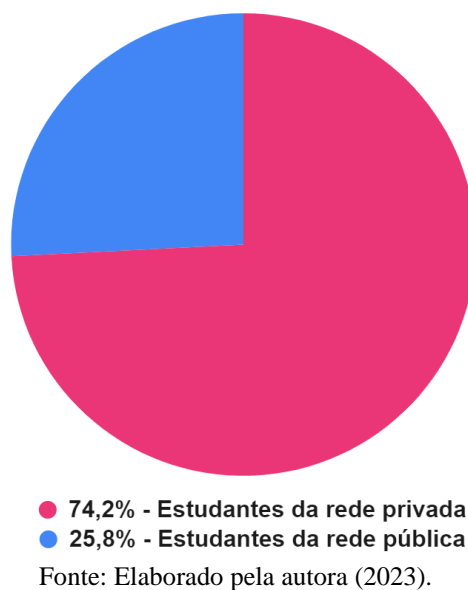


Gráfico 2 - Concentração de estudantes no ensino superior.



Apesar dos dados expostos nesta pesquisa serem considerados "recentes", há cerca de cinco anos atrás, essa problemática existe desde a institucionalização dos processos seletivos para o ingresso em cursos de graduação, quando surgiu a necessidade de se pensar em alternativas para diminuir essa discrepância.

E, neste contexto, entram em cena os pré-vestibulares gratuitos, voltados a grupos sociais que historicamente vivem em situação de desigualdade e discriminação na sociedade, como moradores de periferia, população negra, indígenas e estudantes da rede pública

(MONTEIRO *et al.*, 2017). Estes cursos ficaram conhecidos como “pré-vestibulares populares”, ou apenas cursinhos populares.

Para Pereira, Raizer e Meirelles (2010, p. 86)

O surgimento do movimento dos denominados “pré-vestibulares populares” está associado à desigualdade de acesso ao ensino superior brasileiro, particularmente aos pobres e afro-descendentes. A luta pela democratização do acesso ao ensino superior abre um debate sobre o próprio sistema de ensino, pois sua progressiva universalização ainda contrasta com a qualidade do ensino ofertado à juventude brasileira.

Os cursos pré-vestibular popular surgem em um momento em que o sistema educacional brasileiro se encontrava com profundas desigualdades no acesso ao ensino superior (ZAGO, 2008). E tal “[...] problemática originou movimentos sociais que reivindicam seu acesso, bem como o fortalecimento da universidade pública” (ZAGO, 2008, p. 152).

Os primeiros pré-vestibulares populares, que se tem registro, surgiram ao final da década de 1970 e se efetivaram no decorrer da década de 1990, principalmente com a experiência do Pré-Vestibular para Negros e Carentes (PVNC), no Rio de Janeiro, que serviu como parâmetro para o surgimento de outras iniciativas parecidas (PEREIRA; RAIZER; MEIRELLES, 2010). Dessa forma, como já mencionado, o objetivo principal destes cursos é contribuir para a diminuição da desigualdade de grupos sociais que existe no ensino superior, e proporcionar aos jovens - e adultos - de baixa renda, o acesso a um ensino gratuito e de qualidade que lhes prepare para os processos seletivos.

Contudo, o acesso à universidade pública pelos estudantes que vêm da rede pública de ensino, em sua maioria da classe trabalhadora, significa mais do que o acesso a um ensino gratuito e de qualidade em nível superior, mas também a possibilidade de se apropriar de um conhecimento historicamente e socialmente construído, além da inserção em um espaço de produção de ciência. Se por muito tempo a universidade foi um ambiente de privilégios, do qual somente as elites tinham acesso, significa que esse sempre foi o interesse da classe dominante. E a universidade possui um importante papel nesse contexto de inserção e transformação, pois faz parte do espaço geográfico enquanto lugar de contradição e de luta de classes.

O maior acesso ao ensino superior público e de qualidade entre os estudantes da rede pública, e, em especial das periferias, é uma conquista coletiva da classe trabalhadora e faz parte de um processo de democratização da educação e da ciência que não está dado, pronto e resolvido, pois se trata de um constante conflito de interesses entre classe trabalhadora e classe dominante. Os cursos de pré-vestibular popular fazem parte desse processo de luta pela maior

participação da classe trabalhadora em espaços de construção de conhecimento e democratização da ciência, no caminho de formação de uma nova sociedade justa e igualitária.

Nesse contexto, cabe destacar a pesquisa de Costa e Aragão (2018), que envolveu um estudo de caso sobre o Cursinho Popular Emancipa localizado no estado do Pará, para os autores, o pré-vestibular popular proporcionou aos estudantes, além da preparação para os vestibulares, o desenvolvimento do pensar, tornando-os sujeitos que podem intervir e transformar a sociedade, auxiliando também no que se refere a organização do trabalho, tanto em sua classe coletiva quanto social.

Dessa forma, diante do que foi exposto no decorrer deste capítulo, a formação de cursos de pré-vestibular popular está ligada a um processo seletivo desigual de ingresso em instituições de ensino superior, que é resultado de uma sociedade estruturada e marcada por interesses das classes dominantes. Os cursos populares surgiram com o objetivo de tornar mais igualitário esse processo, a fim de que estudantes historicamente excluídos também possam acessar as universidades.

4 A GEOGRAFIA EM CURSOS PRÉ-VESTIBULAR POPULAR: INVESTIGAÇÃO EM TRABALHOS PUBLICADOS EM PERIÓDICOS

A Geografia e a sua relação com os cursos de pré-vestibular popular pode ser pensada de diferentes formas. Por isso, no presente capítulo, será feita uma investigação analítica dos artigos selecionados para esta pesquisa, que terá como finalidade observar e compreender de que forma essa relação é mencionada pelos autores, e se existem padrões e/ou disparidades entre os artigos no que se refere à Geografia no contexto dos pré-vestibulares populares.

Neste capítulo, os artigos serão referenciados com uma numeração pré-estabelecida, conforme indicada no Quadro 2. Esse método foi utilizado com o objetivo de facilitar a leitura e compreensão da análise dos trabalhos.

Quadro 2 - Numeração indicada para cada periódico da pesquisa.

Número	Artigo	Autores e Ano de Publicação	Revista
1	PRÉ-VESTIBULAR INSTITUCIONAL, CIDADANIA E O ENSINO DE GEOGRAFIA: ANÁLISE DO MATERIAL DIDÁTICO DO PROGRAMA UNIVERSIDADE PARA TODOS NA BAHIA	Kayobi de Azevedo Vargas, 2012.	Caminhos de Geografia.
2	ENSINO DE GEOGRAFIA E DIÁLOGO: o caso do projeto de educação comunitária integrar	Suelen Santos Mauricio e Rosa Elisabete Militz Wypczynski Martins, 2017.	Revista Brasileira de Educação em Geografia.
3	PRÉ-VESTIBULARES POPULARES: CURRÍCULO E ENSINO DE GEOGRAFIA EM DISPUTA	André Tinoco de Vasconcelos, 2018.	ParaOnde!?
4	GLOBO TERRESTRE E GEOTECNOLOGIAS COMO RECURSOS DIDÁTICOS PARA ENSINO DE CARTOGRAFIA - ESTUDO DE CASO EM CURSO PRÉ-VESTIBULAR EM	Rodrigo Sartori Bogo, Maicon Rafael Caxueira e Rosemy da Silva Nascimento, 2020.	Pesquisar.

	FLORIANÓPOLIS/SC		
5	CONTRIBUIÇÕES DO PRÉ VESTIBULAR COMO TERRITÓRIO ALTERNATIVO DE CIDADANIA	Adriano R. De S. De La Fuente e Adriany de Ávila Melo Sampaio, 2021.	Revista Ciranda.

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Cabe ressaltar que todos os artigos selecionados foram considerados relevantes para atingir os objetivos da presente pesquisa, pois estão diretamente relacionados com o ensino de Geografia e cursos pré-vestibular populares. Eles contemplaram todos os requisitos de seleção e abordam a temática de forma pertinente.

E, para fazer a revisão de literatura dos periódicos com base no objetivo desta pesquisa, foi preciso, primeiramente, fazer uma leitura analítica, crítica e reflexiva dos textos, apontando suas principais características que envolvessem a relação da Geografia com os cursos pré-vestibular populares.

Dessa forma, no que se refere à estruturação da análise dos artigos, o capítulo foi dividido em três subcapítulos. O primeiro compreende a exposição dos objetivos de cada trabalho, o segundo é composto por uma análise feita a partir de agrupamentos dos textos com base em suas semelhanças e diferenças no que se refere à Geografia e ao ensino de Geografia nos pré-vestibulares populares, e o terceiro, e último, é uma síntese dos principais resultados da revisão bibliográfica.

4.1 OS ARTIGOS E A FINALIDADE DE CADA PESQUISA

Durante a seleção dos trabalhos que aqui seriam compreendidos, houve inúmeros percalços, e o principal foi a dificuldade de encontrar artigos de revistas que envolvessem o tema central desta pesquisa: os conhecimentos geográficos e o ensino de Geografia nos pré-vestibulares populares. Analisar minuciosamente os objetivos dos artigos constituiu uma etapa fundamental para definir a sua seleção, pois o objetivo de um trabalho acadêmico é o que compreende de forma direta o problema central da pesquisa.

Desse modo, foi possível elencar da seguinte forma os objetivos principais dos cinco artigos analisados nesta revisão de literatura:

1. O artigo é fundamentado no estudo de um trabalho de pós-graduação, em que o autor analisa de forma crítica e reflexiva, o material didático de Geografia de um pré-vestibular

institucional³, com o objetivo de mostrar diferentes interpretações e pontos de vista de autores que seguem as mais variadas correntes da Geografia escolar (VARGAS, 2012);

2. O artigo é composto por reflexões acerca de uma pesquisa realizada em um trabalho de conclusão de curso, que teve como objetivo analisar como as aulas de Geografia de um curso pré-vestibular popular influenciaram na visão de mundo e sociedade dos estudantes (MARTINS; MAURÍCIO, 2017);

3. O artigo é resultado de uma pesquisa de mestrado que analisa como os movimentos sociais da educação influenciam no currículo e no ensino de Geografia nos pré-vestibulares populares (VASCONCELOS, 2018);

4. O artigo relata uma prática que utiliza ferramentas não formais no processo de ensino-aprendizagem de um curso pré-vestibular popular, o objetivo do estudo foi analisar se essas ferramentas contribuíram para uma melhor compreensão dos conteúdos geográficos que envolvem a cartografia (BOGO; CAXUEIRA; NASCIMENTO, 2020);

5. O artigo é baseado em uma pesquisa de doutorado que traz como objetivo principal refletir acerca do pré-vestibular alternativo⁴ (PVA) como categoria de Território Alternativo no espaço geográfico, considerando-o como lugar de cidadania e inclusão social (LA FUENTE; SAMPAIO, 2021).

Os artigos analisados são frutos de diferentes tipos de pesquisas, alguns se tratam de trabalhos de conclusão de curso, outros de mestrado e doutorado, e até mesmo relato de prática de ensino. Mas o que todos possuem em comum em seus objetivos, é a relação direta entre Geografia e cursos pré-vestibular populares, o que compreende a finalidade da presente pesquisa.

4.2 OS CONHECIMENTOS GEOGRÁFICOS E O ENSINO DE GEOGRAFIA NOS ARTIGOS

Conhecer a visão dos autores acerca dos conhecimentos geográficos e do ensino de Geografia nos cursos pré-vestibular populares é de extrema importância, pois o objetivo desta pesquisa se insere nesta temática. Em vista disso, este subtítulo se dedica a análise dos artigos selecionados.

³ Os pré-vestibulares institucionais são disponibilizados pelas universidades ou órgãos governamentais com o objetivo de diminuir a desigualdade no acesso ao ensino superior, onde o público alvo são estudantes da rede pública de ensino. Com isso, essa modalidade de ensino compreende o objetivo principal desta pesquisa.

⁴ Os PVAs consistem em um movimento de pré-vestibulares gratuitos que buscam a democratização do acesso ao ensino superior e são considerados comunitários ou populares, assim como os do foco desta pesquisa.

4.2.1 A visão dos autores acerca da ciência geográfica

O segundo aspecto a ser analisado nos textos foi a visão dos autores no que se refere a Geografia e o ensino de Geografia, e como estes foram abordados. Os artigos 1, 2 e 3, trouxeram abordagens que destacam o papel da ciência geográfica. Em suma, os autores apresentam as potencialidades da Geografia e do ensino de Geografia, e compreendem que estes agentes são capazes de transformar a visão de mundo dos estudantes, principalmente no que tange os aspectos críticos e reflexivos do espaço geográfico.

Para os autores dos artigos mencionados, é essencial que o ensino de Geografia esteja relacionado com a realidade dos estudantes, pois, de acordo com o autor do artigo 1, “a Geografia tem o compromisso de entender o mundo, obter informações sobre o mesmo, analisá-lo, explicá-lo e conhecer esse espaço produzido pelo próprio homem [...]” (VARGAS, 2012, p. 322). Martins e Maurício (2017, p. 327), autoras do artigo 2, destacam que “[...] o ensino de Geografia constrói, destrói e reconstrói identidades. Permite que sujeitos se reconheçam e se valorizem perante o mundo.” As autoras afirmam que a Geografia é uma ciência com potencialidade para gerar uma transformação social e espacial. Para o autor do artigo 3, Vasconcelos (2018, p. 181), “o conhecimento geográfico [...] é fundamental para o exercício da autonomia dos sujeitos”. Foi possível notar, ao decorrer da leitura dos artigos, que estes autores afirmam que o ensino de Geografia é capaz de transformar a vida dos estudantes.

Nos artigos 1, 2 e 3, os autores também discorrem sobre o quanto a Geografia pode ser influenciada pelo modelo econômico em que a sociedade se encontra, para as autoras do periódico 2, a Geografia e o ensino de Geografia foram desenvolvidos a partir desses interesses (MARTINS; MAURÍCIO, 2017), por esse motivo, a realidade e a diversidade dos sujeitos devem ser reconhecidas pelos estudantes (VASCONCELOS, 2018). Contudo, para contemplar esses aspectos, o ensino de Geografia deve ser uma prática educativa que amplie a visão de mundo dos estudantes e os ajude a pensar de forma crítica (VARGAS, 2012), isto é, pensar de forma problematizadora, questionadora e racional acerca da realidade, com a intenção de mudar as desigualdades e os obstáculos que nela existem. Nesse contexto, também entram em cena a Geografia e a formação de cidadania, em que os artigos 1, 2 e 3 afirmam que o ensino de Geografia auxilia no despertar e na construção desse exercício para os estudantes.

O artigo 5, apesar de compreender a análise geográfica na pesquisa, não aborda sobre o ensino de Geografia, os autores trabalham diretamente com as potencialidades do Território e suas relações de poder, uma categoria do espaço geográfico. Já o artigo 4, ainda que os autores

façam um contexto histórico acerca da Geografia escolar e afirmam que “[...] durante sua história enquanto disciplina de ensino básica no contexto brasileiro, é repleta de possibilidades e desafios.” (BOGO; CAXUEIRA; NASCIMENTO; 2020, p. 29), a educação cartográfica e os recursos didáticos da Geografia são o foco da pesquisa. Nesse contexto, em ambos os artigos, a perspectiva da Geografia como ciência não é trazida de forma clara e objetiva. Por esta razão, os dois textos não foram incluídos no primeiro agrupamento.

4.2.2 A Geografia nos cursos pré-vestibular popular

Neste tópico, buscou-se analisar nos artigos, o que os autores apresentaram e discorreram sobre a Geografia trabalhada nos cursos pré-vestibular popular, com foco principalmente no ensino geográfico associado a estes cursos.

Os artigos 2 e 5 confirmam que os pré-vestibulares populares, em conjunto com a ciência geográfica, contribuem para a formação cidadã dos estudantes, e um fato interessante é que os autores seguiram diferentes caminhos até chegar às suas conclusões. No artigo 5, os autores fazem uma reflexão acerca dos pré-vestibulares populares e a sua relação com a categoria de Território no espaço geográfico, e afirmam que

Os Pré-vestibulares voltados para as classes populares, de maneira geral podem ser identificados como Territórios onde se desenvolve a construção de uma perspectiva cidadã. Podem ser pensados como Território, pois, ao se apropriar politicamente dos PV, os sujeitos sociais têm a oportunidade de reorganizar novos comportamentos coletivos de resistência, reterritorializando-se em novos e múltiplos territórios, o que os possibilita fazer mudanças e transformações significativas na sociedade. (LA FUENTE; SAMPAIO, 2021, p. 10)

Durante a investigação realizada na pesquisa, foi possível constatar que os pré-vestibulares populares contribuem efetivamente para a formação de cidadania dos estudantes, principalmente no que se refere a sua formação crítica, “[...] auxiliando-os a se reintegrar na vida a partir da sua emancipação e inclusão como cidadãos emancipados, autônomos e conscientes dos seus direitos e deveres na sociedade.” (LA FUENTE; SAMPAIO, 2021, p. 13). Nesse contexto, as interações que ocorrem no espaço geográfico dos pré-vestibulares populares são importantes para a formação e a construção da noção de territorialidade dos estudantes. Todavia, cabe mencionar que os autores não expressam de maneira direta como o ensino de Geografia pode influenciar nesses fatores, porém é possível notar, ao decorrer da leitura, que a análise geográfica é contemplada em toda a pesquisa.

Em contrapartida, as autoras do artigo 2, retratam de forma direta como o ensino de Geografia é capaz de transformar e influenciar a visão de mundo dos estudantes. A partir de entrevistas com estudantes do Projeto Integrar, um pré-vestibular popular, foi constatado que as aulas de Geografia, a partir de um processo de diálogo e reflexão acerca da realidade,

[...] mudam de forma significativa o modo de pensar e de ver o mundo dos estudantes, assim como mudam também sua própria forma de ver a vida que acontece ao seu redor, no seu ambiente de trabalho, de deslocamento cotidiano e etc. (MARTINS; MAURÍCIO, 2017, p. 339).

De acordo com as autoras, as aulas de Geografia do pré-vestibular popular em questão, despertam o pensar e a compreensão perante as realidades vivenciadas no cotidiano, estimulando os estudantes a repensar as questões de injustiça social. Além disso, é importante salientar que “Numa sociedade carente de iniciativas transformadoras, o processo educativo em geografia do Integrar vem trazer possibilidades não somente de ascensão social [...], mas de formação de interventores sociais.” (MARTINS; MAURÍCIO, 2017, p. 339). Reafirmando o papel transformador do ensino de Geografia na vida dos estudantes e da sociedade.

Nos artigos 1 e 3, os autores afirmam, com base em suas pesquisas, que a Geografia e o ensino de Geografia, apesar de toda potencialidade mencionada no tópico anterior, ainda são influenciados por um fator regulador: a preparação para as provas de vestibulares e Enem.

Vargas, autor do artigos 1, analisou os materiais didáticos de Geografia de um pré-vestibular institucional e concluiu “[...] que o material didático proposto faz o currículo funcionar, e este designa que sujeito se quer produzir.” (2012, p. 328). Vargas ainda afirma que existe uma contradição no foco do material, pois a lógica de ensino é voltada para a memorização e o mérito, e não para a construção da noção de cidadania, pois os temas trabalhados são distantes da realidade dos estudantes e focados na preparação para as provas de vestibulares.

O autor do artigo 3, Vasconcelos (2018), entrevistou coordenadores e professores de Geografia de um curso de pré-vestibular popular e analisou seus documentos e materiais, ele destacou que existe uma busca pela formação crítica dos estudantes, trabalhada principalmente a partir de temas transversais, como questões raciais, de gênero e de classe. Além disso, os professores também procuram focar em metodologias que contribuem para a ampliação da visão de mundo dos estudantes. Contudo, a partir das entrevistas e da pesquisa, não foi possível perceber “[...] com nitidez uma mudança nas maneiras de trabalhar os conteúdos, há um fator regulador que é o vestibular e o ENEM [...]” (2018, p. 183). O autor destaca que existe uma necessidade de repensar um currículo mais crítico “[...] que questione conceitos e conteúdos

com bases eurocêntricas, assim caminhando em direção ao reconhecimento de diferentes sujeitos e da luta contra os preconceitos nos espaços escolares [...]” (2018, p. 184). Deixando evidente que a Geografia praticada nos ambientes escolares precisa mudar, a fim de que seus objetivos, como uma ciência emancipadora, sejam alcançados.

O artigo 4 relata uma prática de ensino de Geografia realizada em um pré-vestibular popular, os autores utilizaram ferramentas digitais, como *Google Earth*⁵ e *Google Maps*⁶, além de um globo físico, para ensinar cartografia aos estudantes, e afirmam que foi preciso pensar em metodologias que compreendessem o conteúdo programático dos vestibulares. Contudo, a abordagem da prática de ensino foi estruturada com dois objetivos:

[...] uma a curto prazo, o ingresso dos alunos do curso na universidade pública; e um a longo prazo, de que estes também se desenvolvam como cidadãos que compreendem a influência da geografia e das diferentes escalas em sua vida cotidiana. (BOGO; CAXUEIRA; NASCIMENTO, 2020, p. 36).

Os autores, a partir de um questionário respondido pelos estudantes, confirmaram que houve melhorias na interpretação de temas considerados difíceis da cartografia escolar, e a utilização de ferramentas não formais de ensino permitiu esse desenvolvimento na aprendizagem. Dessa forma, os objetivos da prática foram cumpridos e evidenciaram o quanto é importante e necessário buscar “[...] a diversificação dos recursos didáticos [...], tornando as atividades mais proveitosas e de melhor assimilação [...]” para os estudantes. (BOGO; CAXUEIRA; NASCIMENTO, 2020, p. 46).

4.3 PRINCIPAIS RESULTADOS OBSERVADOS

A partir das análises que contemplaram este capítulo, foi possível notar semelhanças e diferenças entre os artigos, principalmente quando o foco da análise mudava, o que fez com que os agrupamentos também se modificassem. Esse fator destacou o quanto as abordagens dos periódicos foram diversificadas, principalmente no que se refere aos conhecimentos geográficos e ao ensino de Geografia trabalhados nos cursos de pré-vestibular popular.

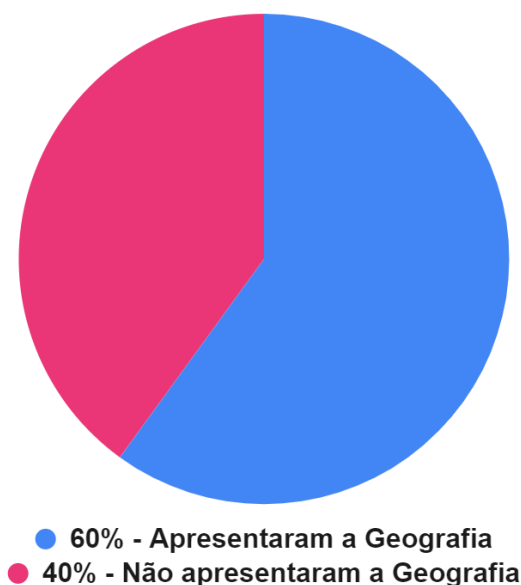
Quando a análise foi direcionada à visão dos autores sobre a Geografia e o ensino de Geografia como um todo, foi possível formar dois agrupamentos: um com três artigos (artigos 1, 2 e 3) e outro com dois artigos (artigos 4 e 5). O primeiro agrupamento, que compreende uma

⁵ Programa que permite visualizar, a partir de imagens de satélites, um modelo tridimensional do globo terrestre.

⁶ Ferramenta digital de GPS, onde é possível visualizar mapas e imagens de satélites.

totalidade de 60% dos artigos, apresentou de forma direta a compreensão dos autores sobre a ciência geográfica e evidenciou a sua potencialidade como disciplina curricular na educação básica e nos cursos de pré-vestibular popular. Contudo, o segundo agrupamento, que totalizou 40% dos artigos, não contemplou informações que demonstrassem a visão dos autores sobre a Geografia e/ou ensino de Geografia. Os dados dos agrupamentos foram representados no Gráfico 3.

Gráfico 3 - Periódicos que apresentaram a ciência geográfica.

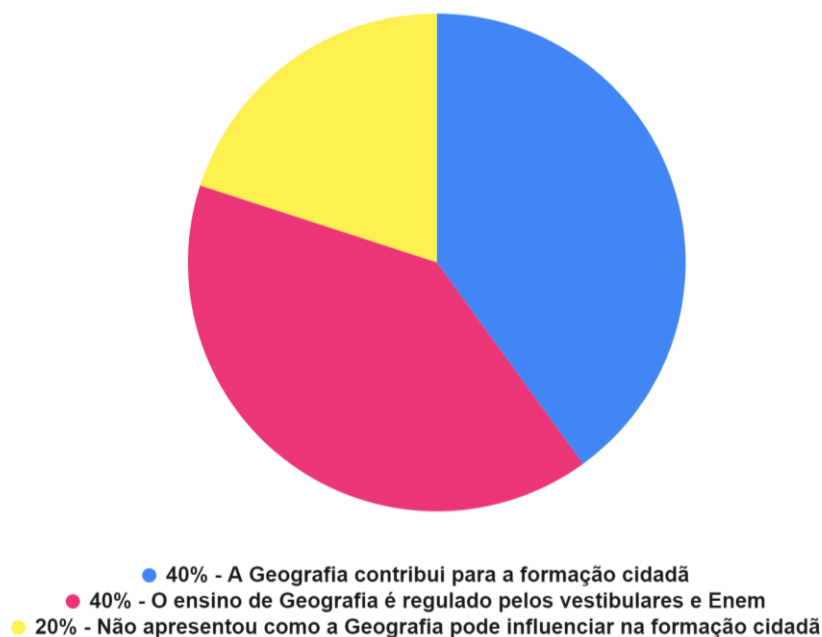


Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Os dados expostos nos gráficos destacam a divisão dos dois agrupamentos, todavia, a maior parte dos autores, representados pela cor azul, apresentaram sua visão sobre a ciência geográfica. Entretanto, também se faz necessário destacar, mais uma vez, que o artigo 3, apesar de trabalhar com a Geografia escolar, os autores direcionam o foco da pesquisa aos recursos didáticos relacionados à cartografia, uma subárea da Geografia, e por esse motivo, o artigo fez parte do segundo agrupamento, que foi representado pela cor rosa no gráfico.

Já no que se refere ao ensino de Geografia trabalhado e/ou associado aos cursos de pré-vestibular popular, ocorreu uma maior diversificação nos agrupamentos, pois a Geografia foi relacionada a estes cursos de diferentes maneiras pelos autores, conforme representado pelo gráfico 4.

Gráfico 4 - O papel da Geografia nos pré-vestibulares populares.



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

No primeiro agrupamento representado pela cor azul, composto pelos artigos 2 e 5, os autores afirmaram que a ciência geográfica contribui de forma efetiva para a formação cidadã dos estudantes de pré-vestibulares populares. O segundo agrupamento representado pela cor rosa, constituído pelos artigos 1 e 3, também confirmaram que o ensino de Geografia pode transformar e ampliar a visão de mundo dos estudantes, porém destacam que apesar das iniciativas dos professores de Geografia, a metodologia de ensino e os materiais didáticos dos pré-vestibulares populares são regulados pelas matrizes de conteúdo dos vestibulares e Enem, e o foco é a aprovação dos estudantes. E, por último, o artigo 4, representado pela cor amarela, não se encaixou em nenhum dos dois agrupamentos, pois os autores afirmam que a Geografia influencia no cotidiano dos estudantes em diferentes escalas, porém não explicam de que forma isso acontece.

Em síntese, a partir da análise dos artigos, foi possível perceber que a Geografia como disciplina curricular tem potencial para transformar a visão de mundo dos estudantes, isto é, fazer com que eles compreendam, por meio da formação cidadã, seu papel na sociedade e se conscientizem de seus direitos, a fim de lutar pelo fim das desigualdades sociais enraizadas em nossa sociedade. A partir de uma visão crítica, a Geografia trabalha com a realidade dos estudantes e oportuniza a construção de caminhos para mudá-la. A função social da Geografia não é uma fábula ou teoria, ela pode ocorrer diariamente nas salas de aulas, principalmente dos cursos de pré-vestibular popular, e isso foi confirmado pela maioria dos artigos. Entretanto,

para que essa contribuição ocorra efetivamente, é necessário repensar as práticas de ensino de Geografia nos pré-vestibulares populares, e isso não é e nem será uma tarefa fácil, pois ainda é preciso cumprir um objetivo: inserir os estudantes de escolas públicas e de baixa renda na universidade. Democratizar o acesso ao ensino superior é a principal luta dos cursos populares e eles surgiram em decorrência dessa necessidade.

De fato, não dá para deixar os conteúdos programáticos dos processos seletivos de lado, porém é possível adaptar as práticas de ensino relacionando os conteúdos de Geografia com o cotidiano dos estudantes. Por exemplo, quando o professor for abordar sobre as categorias do espaço geográfico, como região e território, é possível debater sobre as relações de poder vivenciadas em diferentes escalas pelos estudantes, ou quando falar sobre o espaço urbano, contemplar as desigualdades que existem nesse espaço e que também fazem parte da realidade.

Conscientizar os estudantes acerca das injustiças sociais e ajudá-los a refletir sobre a realidade faz parte de um processo fundamental para a formação de cidadãos críticos que possuem consciência do seu lugar na sociedade, e esse é o principal papel da Geografia enquanto disciplina nos cursos de pré-vestibular popular.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Geografia é uma ciência e componente curricular que pode ser trabalhada a partir de diferentes interesses, principalmente na sociedade capitalista, mas isso não a impede de ter um significativo potencial transformador. Isto é, a partir dela, é possível desenvolver a concepção crítica de cada estudante acerca da vida em sociedade e do seu papel como cidadão. A visão de mundo dos estudantes pode ser ampliada com o ensino de Geografia, sendo este o principal fator que contribui para a sua função social enquanto disciplina, principalmente dos cursos pré-vestibular populares, que são o foco desta pesquisa.

Os pré-vestibulares surgiram a partir de iniciativas privadas, quando as vagas para as universidades se tornaram muito menores que a procura, gerando grande concorrência, e foi preciso direcionar e treinar os estudantes para o processo seletivo. Os pré-vestibulares tornaram ainda mais desigual e elitizado o acesso às universidades públicas, sendo resultado de uma sociedade moldada a partir dos interesses da classe dominante. Em vista deste contexto, surgiram os cursos pré-vestibular populares, aqueles direcionados a estudantes de escola pública e de baixa renda, que visam tornar o acesso ao ensino superior mais democrático.

Nos cursos populares, o papel do ensino de Geografia é potente, pois a disciplina pode desempenhar sua função social de diferentes formas e isso ficou evidente na pesquisa realizada a partir da investigação de artigos publicados em revistas acadêmicas. O objetivo desta pesquisa foi analisar como os conhecimentos geográficos e o ensino de Geografia são desenvolvidos em cursos pré-vestibular populares de acordo com relatos de práticas e artigos publicados em periódicos acadêmicos.

Cabe destacar que não ocorreu um padrão nos resultados da investigação. Pois, foi possível notar semelhanças e diferenças entre os artigos, e isso ocorreu quando o foco da análise mudou, o que revelou o quanto as abordagens dos trabalhos foram diversificadas. Quando a análise foi direcionada à visão dos autores sobre a Geografia e o ensino de Geografia como um todo, mais de cinquenta por cento (50%) dos trabalhos apresentaram a sua compreensão sobre a ciência geográfica e evidenciaram a sua potencialidade como disciplina curricular nos cursos de pré-vestibular popular. Já no que se refere ao ensino de Geografia trabalhado nos cursos populares, ocorreu uma maior diversificação nos artigos, pois a Geografia foi associada a estes cursos de diferentes maneiras pelos autores.

O ensino de Geografia nos pré-vestibulares populares pode variar de acordo com a metodologia aplicada pelo professor e/ou pelas diretrizes vigentes nos cursos, que são guiadas pelas matrizes dos vestibulares e Enem. No decorrer da investigação, os artigos 4 e 5 destacaram

o quanto esse fator pode afetar o desempenho da função social da disciplina. Os cursos populares precisam cumprir seu papel e inserir os estudantes dentro da universidade.

No entanto, é possível trilhar caminhos que possam contribuir para a formação cidadã dos estudantes e auxiliá-los a ingressar no ensino superior. Nesse contexto, as práticas de ensino podem ser pensadas a partir dessa relação. A Geografia é a ciência que estuda o espaço em que o ser humano está inserido e as relações sociais que ali se desenvolvem. Nesse cenário, a realidade vivenciada pelos estudantes de cursos de pré-vestibular popular é resultado de inúmeros processos que ocorrem no espaço geográfico, em especial aqueles desiguais e excludentes.

Por esse motivo, é tão importante relacionar o ensino de Geografia com o cotidiano dos estudantes, pois eles estão interligados em diferentes escalas. Desse modo, será possível contribuir de forma efetiva para a ampliação da visão de mundo dos estudantes, para que eles possam, principalmente, se conscientizar dos problemas existentes na sociedade e combatê-los.

Ademais, cabe ressaltar, a escassez de artigos sobre o ensino de Geografia e cursos pré-vestibular populares publicados em periódicos acadêmicos. Em mais de uma década, de 2012 a 2023, apenas cinco artigos foram publicados. Essa escassez significou uma limitação no desenvolver da pesquisa. Em contrapartida, deixamos com este trabalho a possibilidade de ampliar as discussões que não pudemos esgotar, e a ponderação no que se refere à escassez de publicações sobre o assunto.

6 REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. 148 p. Tradução de: Marcus Penchel.

BRAGA, Rhalf Magalhães. O ESPAÇO GEOGRÁFICO: um esforço de definição. **Geosp: Espaço e Tempo (Online)**, [S.L.], n. 22, p. 65, 30 dez. 2007. Universidade de Sao Paulo, Agencia USP de Gestao da Informacao Academica (AGUIA). <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geosp.2007.74066>.

BRASIL. Lei Nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 11429, 27 dez. 1961.

BOGO, Rodrigo Sartori; CAXUEIRA, Maicon Rafael; NASCIMENTO, Rosemy da Silva. GLOBO TERRESTRE E GEOTECNOLOGIAS COMO RECURSOS DIDÁTICOS PARA ENSINO DE CARTOGRAFIA – ESTUDO DE CASO EM CURSO PRÉ-VESTIBULAR EM FLORIANÓPOLIS/SC. **Pesquisar**, Florianópolis, v. 7, n. 14, p. 29-48, nov. 2020.

CALLAI, Helena Copetti. A Geografia ensinada: os desafios de uma educação geográfica. In: MORAIS, Eliana Marta Barbosa de; MORAES, Loçandra Borges de (org.). **FORMAÇÃO DE PROFESSORES: conteúdos e metodologias no ensino de geografia**. Goiânia: Editora Vieira, 2010.

COSTA, Lucas de Sousa; ARAGÃO, Rigler Costa. Movimento social ou reprodução dos cursinhos pré- vestibulares convencionais? Um estudo do Cursinho Popular Emancipa em Marabá, Pará. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, v. 17, n. 2, p. 10-20, maio-agos. 2018.

DEON, Alana Rigo; CALLAI, Helena Copetti. A EDUCAÇÃO ESCOLAR E A GEOGRAFIA COMO POSSIBILIDADES DE FORMAÇÃO PARA A CIDADANIA. **Revista Contexto & Educação**, [S.L.], v. 33, n. 104, p. 264, 21 fev. 2018. Editora Unijui. <http://dx.doi.org/10.21527/2179-1309.2018.104.264-290>.

GUIMARÃES, Sonia. **Como se faz a indústria do vestibular**. Petrópolis: Vozes, 1984. 76 p.

HELD, David; MCGREW, Anthony. **Prós e Contras da Globalização**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2000. 96 p. Tradução de: Vera Ribeiro.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Síntese dos Indicadores Sociais: Uma Análise das Condições de Vida da População Brasileira**. Rio de Janeiro: IBGE, 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2019**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. ISBN: 978-65-87201-09-2.

KAERCHER, Nestor André. **Desafios e Utopias no Ensino de Geografia**. 3. ed. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1999. 144 p.

ROCHA, Kleicer Cardoso. **POR UMA GEOGRAFIA POPULAR**: trabalhadoras e trabalhadores em sala de aula no projeto integrar. Curitiba: Appris, 2021. 179 p.

LACOSTE, Yves. **A GEOGRAFIA - ISSO SERVE, EM PRIMEIRO LUGAR, PARA FAZER A GUERRA**. 19. ed. Campinas: Papirus Editora, 2012. 239 p. Tradução de: Maria Cecília França.

LAFUENTE, Adriano Rodrigues de Souza de; SAMPAIO, Adriany de Ávila Melo. CONTRIBUIÇÕES DO PRÉ VESTIBULAR - PV COMO TERRITÓRIO ALTERNATIVO DE INCLUSÃO & CIDADANIA. **Revista Ciranda**, [S.L.], v. 5, n. 3, p. 85-99, 1 set. 2021. Universidade Estadual de Montes Claros (UNIIMONTES). <http://dx.doi.org/10.46551/259498102021029>.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

MARTINS, Rosa Elisabete Militz Wypczynski *et al* (org.). **Educação geográfica em movimento**. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2018. 318 p.

MARTINS, Rosa Elisabete Militz Wypczynski; MAURICIO, Suelen Santos. ENSINO DE GEOGRAFIA E DIÁLOGO: o caso do projeto de educação comunitária integrar. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, [S.L.], v. 7, n. 13, p. 320-342, 14 ago. 2017. Revista Brasileira de Educacao em Geografia. <http://dx.doi.org/10.46789/edugeo.v7i13.391>.

MEC, Ministério da Educação. **ENEM - Apresentação**. 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/enem-sp-2094708791>. Acesso em: 15 jun. 2023.

MONTEIRO, Rejo Levi *et al*. HISTÓRICO DOS CURSOS PRÉ-VESTIBULARES: A LUTA PELO ACESSO AO ENSINO SUPERIOR PELA POPULAÇÃO NEGRA. **Intercursos**, Ituiutaba, v. 16, n. 2, p. 63-73, jul.-dez. 2017.

PEREIRA, Thiago Ingrassia; RAIZER, Leandro; MEIRELLES, Mauro. A luta pela democratização do acesso ao ensino superior: o caso dos cursinhos populares. **Revista Espaço Pedagógico**, Passo Fundo, v. 17, n. 1, p. 86-96, jan. 2010.

SACONI, Rose. **Vestibular foi instituído no Brasil em 1911**. 2013. Disponível em: <http://m.acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,vestibular-foi-instituido-no-brasil-em-1911,9349,0.htm>. Acesso em: 13 maio 2023.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica, Razão e Emoção. 3ª Edição. São Paulo: Edusp (Editora da USP), 2003.

VARGAS, Kayobi de Azevedo. PRÉ-VESTIBULAR INSTITUCIONAL, CIDADANIA E O ENSINO DE GEOGRAFIA: ANÁLISE DO MATERIAL DIDÁTICO DO PROGRAMA UNIVERSIDADE PARA TODOS NA BAHIA. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 13, n. 44, p. 316-331, dez. 2012.

VASCONCELOS, André Tinoco. PRÉ - VESTIBULARES POPULARES: currículo e ensino de geografia em disputa. **Para Onde!?**, [S.L.], v. 10, n. 2, p. 180-185, 25 abr. 2018. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <http://dx.doi.org/10.22456/1982-0003.85865>.

VII CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 2014, Vitória. **GEOGRAFIA E ENSINO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES**. Vitória: 2014. 9 p.

WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta. Da “invenção” do vestibular aos cursinhos populares: Um desafio para a Orientação Profissional. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, São Paulo, p. 289-297, jul.-dez, 2010.

ZAGO, Nadir. Cursos pré-vestibulares populares: limites e perspectivas. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 26, n. 1, p. 149-174, jan.-jun. 2008.